



“UM PASSEIO DE BALÃO”: o estudo do espaço geográfico a partir da escrita de cartas

Leonardo Pinto dos Santos
leonardoufsm@hotmail.com

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Altamira/PA.

Eduardo Schiavone Cardoso
educard2016@gmail.com

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em Geografia desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que objetivou entender como crianças e adolescentes compreendem espaços que eles não vivenciam. Neste escrito, apresenta-se uma prática pedagógica referente à escrita de uma correspondência, em que o estudante necessita se deslocar mentalmente para se imaginar vivendo o cotidiano de uma determinada realidade apontada pelo professor. A atividade foi desenvolvida com um grupo de alunos de oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Brasil, na qual demonstraram, em suas representações, alguns países situados em diferentes continentes do planeta Terra.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Ensino de Geografia, Espaço geográfico, Representações, Educação Básica

"A BALLOON RIDE":
the study of geographic space from the writing of letters

ABSTRACT

The present work is the result of a doctoral research in Geography developed at the Federal University of Santa Maria (UFSM), which aimed to understand how children and adolescents understand spaces that they do not experience. In this writing, a pedagogical practice that is summarized in the writing of a correspondence, in which the student needs to move mentally to imagine himself living the daily life of a certain reality pointed out by the teacher. The activity was developed with a group of eighth grade students from a public school in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Brazil, in which they demonstrated, in their representations, some countries located on different continents of the planet Earth.

KEYWORDS

Geography, Geography teaching, Geographic space, Representations, Basic education

Introdução

A presente pesquisa constitui um recorte de tese de doutorado em Geografia, a qual foi defendida na Universidade Federal de Santa Maria (SANTOS, 2019). Em sua proposta buscou-se compreender como crianças e adolescentes compreendem o Espaço Geográfico, evidenciando as construções que estes sujeitos fazem dos Lugares distantes de suas vivências.

Para isso, foram estruturadas algumas práticas, dentre elas a que é apresentada ao longo do presente escrito, cuja proposta desafiou os estudantes a escreverem uma correspondência tendo como remetente o seu professor. Ao se projetar a outro ponto do planeta, os estudantes precisaram tomar como referência um conjunto de informações fornecidas a eles com antecedência pelo professor proponente, a fim de escrever sobre como seria, imaginariamente, a sua vida naquele Lugar.

A prática pedagógico-geográfica se ampara no pressuposto de que o ato de escrita é de suma importância para o processo de construção do conhecimento geográfico, pois escrever é deixar uma marca, é inscrever-se historicamente e deixar também exposto o que se ignora, auxiliando na tomada de decisão de qual caminho seguir, em sala de aula, no processo de construção do conhecimento. Bachelard (2008, p. 22), considera que, "para escrever [...] é preciso refletir". Sob este argumento, é importante considerarmos que, quando nós docentes entramos em sala de aula para trabalhar, por exemplo, sobre um determinado país asiático, africano ou europeu, não sabemos inicialmente quais as

concepções que os alunos trazem destes locais. Dessa forma, é essencial pensarmos nos meios possíveis para fazer com que as representações fluam da mente das crianças e adolescentes e possam ser compreendidas e significadas pelo professor, com intuito de saber quais caminhos seguir para trabalhar tais espaços ausentes, ou seja, os espaços não vividos cotidianamente e nem conhecidos pelos estudantes.

Diante do desafio de colocar-se imaginariamente em outro espaço, podemos comparar a aula, sob essa perspectiva/ideia, a um passeio de balão. Neste, os ocupantes sempre sabem de onde partem, mas não sabem aonde podem chegar. O mesmo ocorre na escola, em situações em que o professor planeja a sua prática cotidiana, porém, no dia a dia, no contato com o grupo de estudantes, nunca sabe de modo preciso o caminho que os debates vão tomar. É neste sentido que se desenhou essa prática pedagógica que se resume na escrita de uma correspondência descrevendo determinados Lugares do globo terrestre.

Caminhos percorridos

A prática objetiva dois pontos principais: a) desenvolver a escrita por parte dos alunos; b) trabalhar com pontos de vistas diferentes ao do sujeito, buscando desequilibrá-lo para que descentre e se coloque no lugar do outro. A escrita de cartas trabalha sobre o Espaço Geográfico e, especificamente, sobre o Espaço Mentalmente Projetado¹, a partir do referencial de Freinet (1973), Nidelcoff (1993), Santos (2015; 2019) e Santos; Costella (2018), autores que defendem a prática de escrita de cartas por parte dos jovens como uma possibilidade educativa.

Jean Piaget, em sua obra “O nascimento da inteligência na criança” (1978) defendeu, também, o uso de correspondências no processo de construção do conhecimento. Além dele, Nidelcoff (1993, p. 67), tempo depois, afirmou que:

A correspondência escolar é uma experiência riquíssima. Além do seu valor sob o ponto de vista do desenvolvimento da linguagem escrita (propicia a oportunidade de dizer algo a alguém, o que não é muito frequente na escola), tem um grande valor do ponto de vista da informação e da possibilidade de ligar-se afetivamente a pessoa de outros lugares.

¹ Este conceito surge na tese de doutorado de Costella (2008) e tem continuidade nos trabalhos de Santos (2015; 2019), sendo que ele “busca dar conta da realidade, mesmo que ela não seja tangível ao nível das percepções, funcionando como meio para se compreender as representações produzidas sobre espaços distantes” (SANTOS, 2019, p. 85).

O ato de escrita leva os jovens a reorganizarem uma seara de concepções sobre determinado tema, podendo ali demonstrar crenças, curiosidades e conhecimentos na hora de transpor ao papel suas ideias, sendo esse exercício um modo de se libertar da prisão que é a mente humana, bem como é um elo de ligação entre pessoas e lugares como bem destacado por Nidelcoff (1993).

A ação de escrever é uma prática que precisa ser incentivada em qualquer momento escolar, pois permite que o aluno reorganize em um outro plano uma ação que tenha realizado, levando a uma ação diferente. Esta ação, geralmente, requer uma coordenação de esquemas para que se estruture o que foi proposto ou que foi realizado de outra forma. Neste sentido, o professor pode, no cotidiano de suas aulas, inserir a prática da escrita em complemento a outras atividades, como, por exemplo, na construção de maquetes ou na produção de um mapa do caminho casa-escola, pois dessa forma o indivíduo reorganiza o que acabou de realizar se valendo de diferentes estruturas mentais.

Busca-se, nesta proposta, possibilitar a escrita por parte dos alunos, uma vez que parte deles estão inseridos no mundo digital das redes sociais e dos aplicativos de aparelhos móveis, resumindo suas escritas, muitas vezes, a cento e quarenta caracteres (limite do *Twitter*). Frente a situações como essa, Kaercher (2013, p. 85) destaca que “a escrita é um exercício que devemos praticar – e cobrar – deles”, sendo ela uma das bases para pensar o Espaço Geográfico, já que é necessário reorganizar hipóteses suficientemente articuladas e informações adquiridas sobre determinado Lugar.

O escritor Stephen King (2015, p. 93) faz um breve relato de como sua mente viaja pelos Lugares a partir de seu porão. A partir do relato do autor pode-se pensar na possibilidade de que cada sujeito pode ter o seu próprio “porão” para as travessias nunca antes exploradas.

Meu nome é Stephen King. Estou escrevendo a primeira versão desta parte em minha mesa [...], em uma manhã nevada de dezembro de 1997. Tenho algumas coisas na cabeça. Umas são ruins [...], outras boas [...], mas neste momento tudo isso está aqui em minha mente. Eu, porém, estou em outro lugar, em um porão onde existem muitas luzes brilhantes e imagens claras. Um lugar que construí para mim ao longo dos anos. Daqui se vê ao longe. Sei que é meio estranho e contraditório que um lugar de onde se vê ao longe seja um porão, mas é assim que funciona comigo. Se você quiser construir seu próprio lugar de onde se vê ao longe, pode colocá-lo no alto de uma árvore, no telhado do Empire State ou à beira do Grand Canyon. O trenzinho vermelho é seu para puxar [...].

Ao pensar em uma prática de escrita de travessias mentais, se busca fazer com que o aluno se coloque no lugar do outro, processo que se constitui como princípio

básico para uma boa convivência. Esse “colocar-se no lugar do outro” não se refere apenas ao espaço material, mas, também, às vivências e significações que o outro constrói em sua realidade. Assim, o se deslocar de seu egocentrismo, pode tornar possível construir uma harmoniosa coexistência entre os que seguem parâmetros culturais distintos, não combatendo aqueles que oram para uma divindade diferente, torcem para um outro time ou são de partidos políticos contrários. Para esse deslocamento de perspectiva, em que o sujeito consegue se colocar na perspectiva de um interlocutor ou de um objeto, Jean Piaget (2012) deu o nome de descentração.

Pode-se comparar a descentração ao ato da mulher se tornar mãe. Nesse momento, sua perspectiva de mundo se torna outra, pois ela passa a coordenar pontos de vista com o intuito de melhorar a vida daquele ser humano que desenvolve seus primeiros esquemas tentando conhecer o mundo que o circunda. Descentrar é isso, reconhecer outras possibilidades, conhecer a diversidade sobre uma mesma questão, é se distinguir enquanto sujeito inserido entre tantos outros. Sob essa perspectiva, Oliveira (1978, p. 60) interpreta que:

A coordenação dos vários pontos de vista surge como resultante de processos que permitem à criança efetuar uma descentração, isto é, colocar-se efetivamente em posições ocupadas por outras pessoas ou objetos, e em seguida ser capaz de se colocar mentalmente nestas mesmas posições.

Partindo dessa possibilidade, a fim de desenvolver a escrita e, a partir dela construir conhecimentos geográficos, foram disponibilizadas algumas informações de um país (população, renda per capita, idiomas, índice de desenvolvimento humano, extensão territorial, zona climática em que se encontra e o continente a qual pertence) sem que fosse previamente identificado. Foram distribuídas as informações referentes à sete países dos continentes europeu, americano, asiático, africano e da Oceania (exemplo na Figura 01).

| |
|---|
| População: 8 300 000 Habitantes Renda per capita: US\$ 33 700 Principais idiomas: Alemão IDH: 0,948 Superfície: 83 872 km ² Zona climática: Temperada Continente: Europa |
|---|

Figura 01: Quadro com os aspectos gerais disponibilizados.
Org.: Elaboração própria.

Essas informações² foram cedidas para cada aluno de uma turma de oitavo ano, que receberam, também, uma folha pautada em que deveriam colar o retângulo com as informações disponibilizadas na parte superior da mesma. Com tais dados em mãos, foi solicitado que cada um produzisse um texto em formato de carta. A proposta objetivou, conforme já mencionado, que cada aluno se imaginasse residente daquele país.

Nesta correspondência os alunos foram solicitados a comentar sobre o modo de vida da população do referido país e aspectos de seu próprio cotidiano enquanto morador local (profissão; idade; estado civil; composição familiar; etc.). Não foi solicitado que eles inserissem o nome do país no texto escrito, mas grande parte tentou descobrir a qual Território as informações estavam vinculadas.

Nesta proposta, observou-se a necessidade de que o professor delimite um número mínimo de linhas no texto, a fim de que o aluno não se utilize de um reducionismo em sua escrita, o que pode impossibilitar uma análise mais consistente do material produzido. Macedo (1994, p. 14) reafirma a importância da linguagem que pode ser utilizada em uma carta, como forma de reviver momentos que se encontram distantes do dia a dia:

A linguagem é poderosa porque nos transporta para um espaço e tempo desconhecidos para nós; porque nos faz pensar, tirar conclusões, rever pontos de vista, uma vez que, dado seu caráter irreversível, certos acontecimentos só podem ser "revividos" por meio da palavra. [...] Consideremos a última viagem Parati-Antártida-Parati, de quase dois anos, que fez nosso navegador solitário Amir Klink. Chamemos de "A" essa sua experiência. Só por intermédio de "B", isto é, por meio de fotos, narrativas, descrição, etc., poderemos nos apropriar disso que antes só ele possuía.

Esse movimento mental de se imaginar inserido em uma cultura que não a sua, em um país que não o seu, em uma realidade completamente diferente da sua, tem o intuito de desafiar, de desequilibrar o aluno a buscar pontos de vista possíveis sobre um Espaço Geográfico que se re(faz) a partir das contradições que ali existem.

Essa atividade pode substituir práticas que ocorrem no início de cada ano letivo ou no retorno do recesso escolar, quando diversos professores pedem textos sobre como foi este período. Pode suprir também qualquer simples produção de textos que se resumem à cópia de determinado capítulo do livro didático, uma vez que na ação de escrita de uma carta, em que é necessário um deslocamento mental por parte do sujeito, é posta em movimento a coordenação de diferentes esquemas e estruturas que possibilitem refletir sobre as instâncias presentes nos Lugares.

² Parte dos dados informados foram retirados de SIMIELLI, Maria Elena. **Geoatlas**. 33. ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 2011.

Para uma escrita coerente é necessário ligar as informações disponibilizadas, por exemplo, o número de habitantes com a extensão territorial dará uma ideia da densidade demográfica do país, o que impacta em toda a organização espacial deste; o IDH e a renda per capita permitem um pensar em torno da oferta de serviços; a zona climática aceita deduzir uma série de alimentos que podem ser consumidos naquele Território ou mesmo o tipo e porte de plantas ali disponíveis; o idioma e o continente produzem um juízo do contexto histórico de formação do país; por fim, a capacidade das estruturas mentais explicitam o quão longe pode ir o pensamento do alunado.

Em um primeiro plano pode parecer fácil a escrita de uma carta ou de um pequeno texto, mas essa atividade envolve a questão de se pensar de forma conjunta algumas características que são inerentes aos espaços estudados na Geografia. Ao considerar a totalidade da questão, este aluno passa a interpretar os dados que lhe são fornecidos de uma outra forma, observando-os com um outro olhar e um outro plano de pensamento. Esse movimento de reflexão a partir dos dados pode levá-los a pensar de forma relacional quando deparados com uma destas informações referentes a qualquer outro ponto do planeta.

Para resolver o que foi proposto este estudante precisa mesclar também relações espaciais de diferentes níveis, principalmente projetivas (trabalho com a perspectiva e diferentes pontos de vista) e euclidianas (conservação de comprimento e superfície, a própria noção de deslocamento) para conseguir relacionar as informações disponibilizadas.

Na construção textual será necessário o uso de diferentes esquemas que precisam ser correlacionados para projetar o espaço de forma a ter um sentido no que está sendo representado com as informações disponibilizadas pelo professor. Tudo isso com o intuito de dar sentido a dados como renda per capita, IDH, superfície territorial, número de habitantes, etc., além de servir como meio para que exista ação por parte do aluno (ação de escrita e ação mental de organização de informações) em suas projeções mentais.

Para essa atividade de escrita o professor pode trabalhar, além do Território, os conceitos de Paisagem e de Espaço Geográfico, pois ao mesmo tempo em que possibilita que o aluno crie uma representação que pode envolver diferentes temporalidades, ele consolida sua percepção em relação aos espaços mundiais a partir do ponto em que consegue relacionar os dados disponíveis. No momento em que este estudante consegue tangenciar as relações entre os dados ofertados, ele trabalha com esquemas superiores do pensamento, pois passa a criar uma série de hipóteses para dar sentido e forma ao que o docente propõe.

Sujeitos da pesquisa

O grupo com que foi desenvolvida essa prática pedagógica foi uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino do Rio Grande do Sul, sendo todos residentes de uma área urbana da região metropolitana de Porto Alegre.

A turma selecionada é composta por vinte e seis alunos, sendo quatorze meninas (53,85%) e doze meninos (46,15%), tendo dois alunos de dezessete anos (7,69%), quatro de dezesseis (15,38%), três com quinze anos (11,54%), quinze com quatorze anos (57,70%) e duas outras com treze anos (7,69%).

O fator capital para essa preferência foi por estarem possivelmente no que Piaget chamou de operatório formal. A partir deste ponto, os estudantes podem trabalhar correlacionando diferentes hipóteses, abstraindo aspectos além do concreto, o que é indispensável ao se pensar o Espaço Geográfico. Este seria o pensamento com maior grau de abstração do ser humano (pensamento do cientista, por exemplo), sendo que, todos seriam capazes de atingi-lo, desde que as condições de interação sujeito-objeto fossem proporcionadas.

Sobre este aspecto, Piaget e Inhelder (2013, p. 132-133) afirmam:

A diferença essencial entre o pensamento formal e as operações concretas é que estas estão centradas no real, ao passo que aquele atinge as transformações possíveis e só assimila o real em função desses desenvolvimentos imaginados ou deduzidos.

Piaget (1973) complementa ao relacionar a possibilidade de reflexão do adolescente com a do adulto, afirmando que estes jovens começam a desenvolver a capacidade de pensar sobre hipóteses já aos doze anos e vai trabalhando essa competência a partir das interações que terá no decorrer de sua vida.

A lógica do adolescente – e a nossa lógica – é essencialmente uma lógica do discurso. Quer dizer que somos capazes – e o adolescente se torna capaz desde 12 ou 15 anos – de raciocinar sobre enunciados verbais, proposicionais; somos capazes de manipular hipóteses, de raciocinar a partir do ponto de vista de um outro, sem acreditar nas proposições sobre as quais raciocinamos. Somos capazes de manipulá-las de uma maneira formal e hipotético-dedutiva. (PIAGET, 1973, p. 23-24).

Neste sentido o pensamento do adolescente é próximo ao do adulto, pois ambos são capazes de trabalhar a partir das hipóteses que podem ser levantadas sobre os objetos que formam o Espaço Geográfico. Portanto, é importante trabalhar com os adolescentes os diferentes pontos de vista que persistem sobre os Lugares, rompendo assim a visão unitária que se faz por diversas vezes da realidade, indo em direção a uma percepção da diversidade que encanta e dá sentido e forma ao Espaço Geográfico.

Breves relatos

Para análise foram obtidas vinte e seis produções textuais (um exemplo encontra-se na Figura 02), todas escritas de próprio punho pelos alunos em uma folha pautada, sendo quatro referentes à Europa (Áustria - 15,38%), quatro da Oceania (Nova Zelândia - 15,38%), sete de países africanos (Guiné-Bissau e Argélia - 26,93%), sete referentes à América (Uruguai e Cuba - 26,93%) e outras quatro sobre a Ásia (Cingapura - 15,38%).

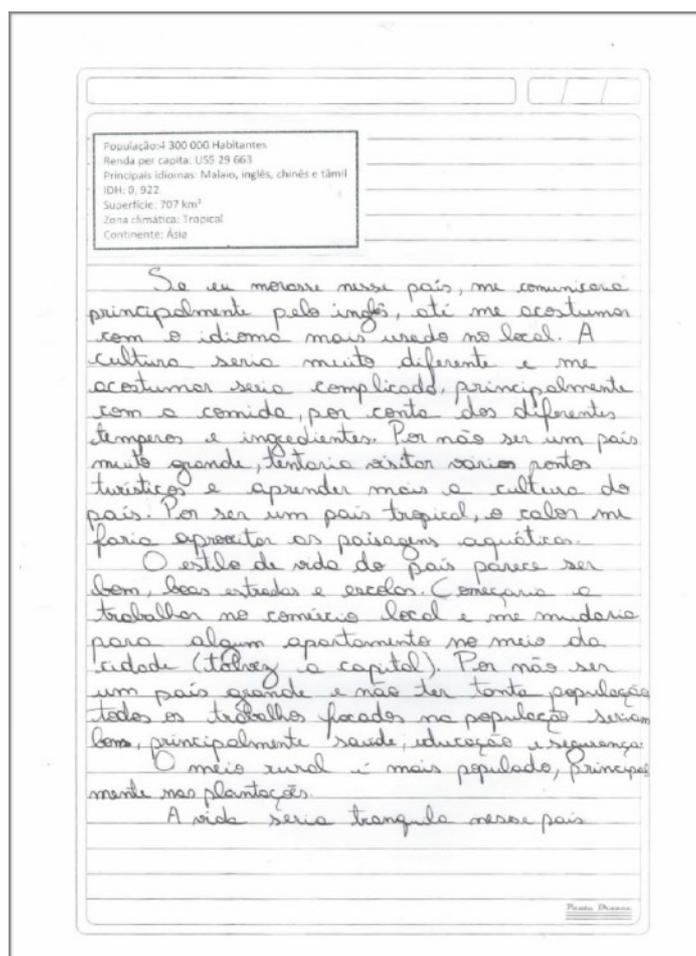


Figura 02: Exemplo de carta escrita por um aluno.
Org.: Elaboração própria.

O tempo para o desenvolvimento desta atividade foi por volta de quarenta e cinco minutos, incluindo o tempo de distribuição das folhas pautadas e dos quadros com as informações de cada país para os alunos, bem como a própria produção dos textos.

Os quadros com informações dos países foram colocados dentro de um envelope branco sem nada escrito e cada um dos alunos foi retirando um deles seguindo a ordem em que os mesmos estavam dispostos em sala de aula. Dessa forma, ao passo que iam pegando o seu quadro de informações, eles eram orientados a colarem na parte superior da folha com linhas.

Com o corpo textual pronto, após uma leitura atenta por parte do professor proponente, os alunos foram reunidos novamente, em uma atividade que durou por volta de trinta e cinco minutos. Os adolescentes foram organizados em um círculo e os textos foram devolvidos para que cada um fizesse um breve relato do que havia produzido. Nesse tempo, o pesquisador anotou no quadro algumas das informações faladas pelo grupo, com o intuito de gerar debate e desequilíbrios com novos apontamentos apresentados.

A primeira constatação é que parte dos estudantes, mesmo estando no oitavo ano do Ensino Fundamental, apresentam dificuldades com a questão das normas gramaticais da linguagem formal. Seja por não estarem acostumados a registrar de forma manual, sem auxílio de um computador ou outro dispositivo móvel, ou por terem outros interesses que não a leitura de livros e outros materiais que ajudam nessa tarefa.

Como o objetivo nesta atividade não é referente às normas gramaticais da linguagem formal, apenas foram corrigidos os erros mais chamativos para tornar a leitura menos confusa, tentando manter o sentido do que foi escrito. O segundo apontamento que chamou a atenção foi que uma parte destes sujeitos se mantiveram ligados ao seu cotidiano para refletir sobre Lugares que não conhecem, traçando rabiscos que misturam sonhos de vida com experiências cotidianas de seu próprio município.

Áustria, ou seria Alemanha?

No continente europeu foi selecionada a Áustria, mas os que se animaram a informar o país acabaram afirmando que se referia à Alemanha, decorrência em grande parte pelo idioma oficial (alemão) informado. Os alunos questionavam se era a Alemanha, ao passo que foram confrontados com a questão se o português era falado apenas no Brasil e em Portugal.

Os estudantes apresentaram compreensão de que na África e na Ásia há países que falam a língua portuguesa, mas o mesmo não ocorreu com relação ao alemão. Eles acabaram focando apenas na característica do idioma, não conectando este aspecto com os outros que foram disponibilizados para citar o país que residiam hipoteticamente.

Nessa questão é possível perceber a distância que existe entre o sujeito e a Áustria, maior que a deles com o seu próprio idioma, fazendo com que ao se depararem com algo desconhecido, eles partam primeiramente de uma generalização que será aprofundada quando suas estruturas permitirem, ou melhor, quando confrontados com uma questão que os faça perder o equilíbrio. Segue parte dos escritos dos indivíduos:

“Teria um apartamento mediano com varanda”; “iria a teatros, musicais, circos, apresentações escolares, aniversários” (A1³); “investiria em imóveis e alguns negócios para guardar na poupança”; “teria um jardim na frente de casa para ficar mais bonito quando eu recebesse visita” (A2); “teria mais acesso a hospitais para fazer os exames regularmente”; “fiz faculdade de medicina e atualmente atuo como legista!” (A3).

“Em frente à minha casa tem um rio, gosto de ir lá e refletir sobre a vida ou apenas ouvindo música”; “o país é famoso, pois tem cervejas muito boas e comida também, pois fazem um chocolate bom e bem saboroso” (A1); “muita gente vai no rio em finais de semana, então obviamente prefiro ir em dia de semana no qual eu não trabalho ou no começo da noite” (A2); “nas horas vagas tomamos cerveja e comemos comidas tradicionais, temos como exemplo a cuca”; “a população em geral é bem gorda por se alimentarem de chucrutes, cerveja e chocolate”; “no inverno faria bonecos de neve e tomaria muito chocolate quente com chantilly”(A3); “na cidade onde eu moro está fazendo muito frio, desde semana passada a cidade está coberta de neve, a temperatura é de -3°C”(A4).

“A cidade é bem limpa, a população se ajuda, o governo parece ser bom para o seu povo, as ruas limpas, calçadas bem cuidadas, a cidade com boa iluminação e os relatos de roubo, furto e crimes são poucos”(A1); “a Alemanha tem sua população com uma condição de vida muito boa, trabalham, mas são recompensados muito bem por isso”(A2); “a Alemanha tem uma vida pacífica e todos ganham um bom salário, sem diferença de raça”; “sua população geralmente são brancos com cabelos loiros, bem provável que as casas sejam rústicas”(A3); “a população em geral é loira e às vezes são até albinas”(A4).

Essas colocações em conjunto a dos seus colegas alusivos aos outros países leva a algumas reflexões referentes a alguns pontos importantes:

- a) Este sujeito parte da sua vivência para iniciar sua projeção mental, quando ele comenta que tem comida boa como a cuca, ele parte do conhecido sobre municípios de colonização alemã do próprio Rio Grande do Sul. Ele também projeta desejos seus, como uma carreira profissional que almeja, abrindo as

³ As falas dos sujeitos ao longo do texto serão identificadas por uma letra e um número para diferenciar e manter preservada a identidade dos autores.

para imaginar um cenário que estaria vivendo, o que hoje é apenas um desejo;

- b) Ao se referir à Europa, os estudantes tendem a representá-la como um continente sem pobreza. Pode-se citar a relação com os recursos hídricos que, quando situado na África ou na Ásia, ele é um ambiente de precárias condições sanitárias, distante das residências e utilizado apenas pela alta necessidade que as pessoas possuem em relação a este recurso. Já na Europa os rios e lagos são utilizados para o lazer, estando próximo das residências ou dos locais de trabalho, sendo límpido e um local agradável para passar o tempo com a família e com os amigos;
- c) Há uma visão em relação ao trabalho pautado na meritocracia e de um Estado que atende as demandas mais urgentes da população. Para os estudantes a Europa oferta empregos que remuneram bem, o contrário não acontece para os outros continentes, que de forma geral apareceram com uma estrutura trabalhista deficitária;
- d) Existe também a percepção de uma população branca – *“alguns até são albinos”* –, com cabelos loiros e que vivem em residências de classe média para superior. Como falaram bastante na questão de nevar no país, eles projetavam as casas preparadas a enfrentar este tipo de fenômeno meteorológico, com telhados em formato de V invertido e com alguma rusticidade e um país com muitos prédios para abrigarem os seus habitantes.

Essa prática mostrou que o continente europeu junto com o africano é o que acaba criando mais simplificações quando se pensa sobre estes espaços. Em grande medida, é o resultado de uma mediação destes Lugares que constroem imagéticos bem definidos, o primeiro é tido como um continente rico e de população branca, o segundo é o Território da miséria e de grupos sociais com tonalidade de pele escura.

Por que fazer práticas deste tipo? Freire (1980, p. 31) nos fala que “quando se projeta esta representação, os alunos fazem uma operação que se encontra na base do ato de conhecimento; se distanciam do objeto cognoscível”. Essa atividade potencializa o que a nomenclatura piagetiana chamou de descentração, permitindo uma experiência de distanciamento por parte dos sujeitos envolvidos, fazendo com que este possa refletir de forma crítica sobre o que se encontra posto de forma simplificada sobre os Lugares.

A tendência em mistificar a realidade se dá na razão destes não serem questionados sobre pontos essenciais, e estas perguntas somente podem emergir em um

ambiente em que o aluno possa exercer sua voz, dando ferramentas ao professor para repensar o objeto de estudo da Geografia.

A plena convicção de que o ato do conhecimento é uma aproximação crítica da realidade, permite-nos defender a importância do ato de refletir sobre o Espaço Mentalmente Projetado⁴ (COSTELLA, 2008; SANTOS, 2015; 2019), com intuito de buscar na realidade vivida/cotidiana um ponto de partida para importantes reflexões sobre o Espaço Geográfico com todas as suas contradições e pontos de convergência entre as ações humanas e os fenômenos da natureza.

A América: Uruguai e Cuba

Para este continente foram escolhidos dois países: Uruguai e Cuba, com o intuito de refletir sobre espaços que partilham de um passado/presente próximo ao do aluno enquanto latino americano. Nestes escritos há maior proximidade com o dia a dia dos alunos, com relação às suas projeções espaciais, indo do tipo de música até a questão da falta de professores na escola. A seguir, pode-se observar parte das observações dos sujeitos da pesquisa referentes ao Uruguai.

“Minha casa teria um lugar para a churrasqueira e também uma bela vista para o mar”; “para ir ao trabalho seria tranquilo sem trânsito” (B1); “Moro aqui na Argentina a mais de 12 anos, e a estação que mais gosto é o inverno pois neva bastante, igual está nevando agora”; “andamos bastante de trem” (B2); “a educação aqui não é tão boa, porque os professores faltam muito e acabam não dando aula e até muitas vezes nem professor tem” (B3).

“Como tem muitos habitantes a cidade seria poluída em questão do ar”; “por causa da zona climática, as quatro estações (outono, inverno, primavera e verão) são bem definidas. As chuvas são bem distribuídas e são ricos em recursos naturais” (B2); “eu imagino que viveria bem, pois tem baixo índice de pobreza. Eu moraria na capital e provavelmente faria alguma aula de dança e ouviria muitas músicas em espanhol e paródias de K-POP porque os espanhóis reinam muito nisso” (B1); “eu costumo comer fast food e eu iria comer as comidas típicas do país enquanto gravo vídeos no meu canal no youtube” (B3).

“A vida deve ser rural e eles devem comer muito porco” (B1); “na parte da cidade grande eles devem vender produtos por isso o país tem uma boa qualidade de vida, tem mais meio urbano do que rural e eles plantam algodão e trigo no meio rural, eles comem carne principalmente. O país deve ser bem movimentado por causa das vendas” (B3).

Já sobre Cuba, foram destacados os seguintes escritos:

⁴ “Espaço Mentalmente Projetado é um termo utilizado pela teoria que compreende a forma ou a maneira como o aluno, sujeito da análise, pode enxergar um espaço que está em sua mente, no seu imagético, por meio de ações e coordenações de ações diante de conceitos que compreendem um espaço ausente concretamente, mas presente em sua capacidade de projetar” (COSTELLA, 2008, p.38).

"Vou para a escola de ônibus, até o centro da cidade, é uma escola bem simples, fico a tarde toda lá"; "no mercado há muitos frutos do mar pois moro no litoral" (B4); "os turistas adoram viajar para cá, os preços aumentam no período de férias" (B5); "as cidades são cheias de prédios, há muito comércio por aqui"; "as praias daqui são bem bonitas, na praia a comida mais típica é o milho (B6)"; "costumo comer comidas apimentadas, é comum na região"; "o lugar é tranquilo, há plantação como é no clima tropical plantamos: feijão, aipim, milho, soja entre muitos outros alimentos" (B7).

"Moro no Uruguai, falo um pouco de espanhol e um pouco de inglês" (B6); "eu trabalho em um período integral em uma cafeteria a dois quartos da minha casa. De noite eu pego um ônibus e vou para a faculdade, eu estudo medicina quero ser uma grande médica para ajudar pessoas com problemas de saúde" (B4); "área urbana estilo favelas brasileiras, área rural não é tão grande"; "os transportes que mais usamos para se deslocar de um ponto até o outro são o ônibus, trem ou táxi e uber" (B7); "um dos problemas é a deficiência da rede de serviços médico-sanitários ou a falta de acesso a ela. Há lugares que não dispõem de condições adequadas de saneamento básico, como coleta de lixo, rede de esgoto e tratamento de água" (B5).

Com estes escritos fica evidente que os alunos partem do seu vivido para suas reflexões, quando falam, por exemplo, da educação, comentam que há falta de professores (na época da pesquisa eles viveram quase cem dias de greve do magistério no Rio Grande do Sul), a música é o K-Pop (estilo musical oriundo da Coreia do Sul e bastante popular no grupo de sujeitos da pesquisa), o sonho *tornarem-se youtubers* (desejo de muitos desta geração), existem praias e a comida típica nelas é o milho cozido (alimento comum das praias gaúchas).

Mesmo com a indicação de Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) altos (acima do 0,8), o imagético é de uma América permeada de dificuldades sociais, com o meio urbano sofrendo faltas em relação à disponibilidade de equipamentos urbanos e com uma economia pautada nos *commodities* voltados à exportação. A concepção de um local paradisíaco, que recebe turistas que aproveitam os sabores tropicais com leves pitadas de pimenta também está presente.

A África: Argélia e Guiné-Bissau

Junto com a Europa esse continente é o que mais permeia o imagético dos alunos, mas ao contrário do primeiro, este se destaca pelas condições precárias de vida oferecida aos seus residentes.

Para os alunos foram dadas informações provenientes de dois países bem distintos em relação ao contexto histórico e estrutura econômica, a Argélia e Guiné-Bissau. A África e sua representação se encontra de tal forma enraizada, que estes países foram os

que os sujeitos mais desenvolveram a parte textual, superando o número indicado de linhas. Primeiro, sobre a Argélia foi afirmado:

“O meu país não é muito rico ou poderoso, possui muitos habitantes e tamanho, além disso possui grande diversidade cultural”; “a minha vida não é das melhores, eu não faço muitas coisas além de olhar o ambiente ao meu redor enquanto percebo a pobreza local” (C1); “na maioria das vezes passo fome pela falta de comida”; “tirando os problemas do meu país ainda existem coisas boas como: etnias, diversidade linguística, desertos, etc....” (C2); “neste país, eu iria ter que trabalhar no campo para ajudar meus pais a ganhar dinheiro para colocar comida na mesa” (C3); “para a escola, eu teria que ir caminhando pelas estradas de chão longas e insanas até chegar na minha escola” (C4).

“Gosto muito de ler em meu tempo livre e estudar para poder realizar o meu grande sonho que é ser médica e poder tirar minha família do campo e dar uma boa condição de vida para eles” (C4); “minha casa é simples e aconchegante, lá temos todo o conforto que precisamos e podemos descansar depois de ter um longo dia de trabalho duro no campo” (C3); “a pobreza é vista em qualquer lugar, aqui existem muitas gangues e é normal ver pessoas armadas”; “os principais cultivos são de cana, trigo e cevada, a principal renda do país é o comércio” (C1); “aquí a matéria mais rara de se ver é o dinheiro, a maioria do comércio é feito por trocas”; “o meio de transporte principal são os triciclos e carroças, não existe transporte público apenas táxi e moto táxi” (C2).

“O meu país também possui animais como camelos, escorpiões e cobras por causa da sua temperatura ambiente”; “é raro eu ter tempo vago, mas quando tenho geralmente vou em um rio com a minha família, no rio muitas pessoas vão, tem umas que despejam oferendas e outras que lavam roupas, me preocupo com as crianças que lá tomam banho, pois o rio é sujo” (C3); “eu viveria com calor, e talvez moraria com a tribo e iria viver comendo carne de bichos recém caçados, tipo zebra, cervo, girafa entre outros”; “teria que me casar com a filha do chefe, e teria muitos filhos. Eu teria muitas esposas e muitos filhos também, muitos animais para criar e plantações de cactos” (C1); “eu teria muitas aventuras com meus colegas se divertindo e caçando leões, tigres e muitos outros animais” (C2).

“Lá a maioria é da cor de pele mais escura por causa da intensidade dos raios ultravioletas”; “é um país bastante visitado pelas pessoas que querem ajudar os habitantes” (C1); “eu ficaria com muito calor lá porque lá é bem calor e não conseguiria respirar direito. E ficaria com frio à noite porque eu sei que lá à noite é frio e de dia calor” (C2); “vou para a escola em um trânsito levemente trancado, lá é uma escola pública, mas os professores raramente entram em greve, porque todos recebem seu devido salário, enfim, entro na escola e vejo material de boa qualidade, mesas normalmente novas e o estudo é sempre muito bom, os banheiros da mesma são bons, não diria ótimo, mas bons” (C3).

“No geral falamos árabe, principalmente nos grandes centros rurais, mas, também é possível notar em cidades urbanas pessoas falando francês e dialetos berberes” (C1); “quando vou para minha avó, por exemplo (que mora no Sul), ela e meu avô falam árabe, mas às vezes acabam falando francês, nas redondezas do sítio da minha avó encontro pequenas cidades que falam francês. Meus avós possuem uma plantação extensa de uva-americana e uva-europeia com 762 m², espalhados pela fazenda há grandes quantidades de ameixa. Voltando para a cidade, o ambiente rural é bom, mas, ainda se pode encontrar facilmente buracos na estrada, faróis quebrados entre outras coisas” (C4).

Já sobre Guiné-Bissau, foi colocado:

"Quando eu vim para cá percebi uma diversidade linguística e várias outras diversidades"; "aqui é bem comum ver as pessoas se locomovendo de barco, pois é mais fácil" (C5); "aqui tem deserto e pirâmides"; "fomos conhecer o deserto do Saara, lá é muito quente e o Sol queima, por isso as pessoas daqui usam muitas roupas para não se queimar, mas à noite no deserto é frio, isso é o que dizem" (C6).

"Na África as pessoas não ganham um salário muito bom, tem gente que ganha menos que um salário mínimo para sustentar sua família no mês" (C7); "se eu nascesse na África ia ser muito difícil de se manter, pois é um continente muito pobre e com muita população"; "na África sofremos muito com a falta de comida e com a falta de água, quem mora aqui não consegue viver mais de uns 60 anos" (C5); "eu sei que se eu fosse morar na África ia passar muita fome com sede por causa do clima muito quente"; "os principais problemas africanos são: fome, falta de comida (a AIDS é o principal)" (C6).

"As roupas que eles se vestem lá são todas rasgadas, velhas e sujas, pois não tem onde lavar elas" (C7); "eu não imagino o que faria no meu tempo livre, acho que jogaria uma bola, ia brincar com os cachorros da rua e buscar água no poço ou no riozinho" (C5); "a fome se caracteriza não só pela ausência de comida, mas também pela ausência de nutrientes necessários para a saúde das pessoas"; "na Guiné eu não sei muito bem, mas lá é conhecido por tomar bastante chá"; "lá também não tem muitos animais, lá só tem: vaca, boi, cavalo, égua, passarinhos e muitos pombos" (C6).

Após estes escritos fica evidente a questão de a pobreza ser sinônimo de África para grande parte dos alunos, que apresentam uma visão de um continente rural pautado na agricultura de subsistência, quase que como se seu comércio estivesse descolado do sistema globalizado, persistindo apenas problemas sociais e econômicos, e tendo apenas a questão da diversidade como algo positivo.

Mais uma vez, o fator da greve dos professores aparece, vindo junto com a questão da ajuda humanitária (o aluno foi questionado sobre isto e respondeu que vê propagandas na televisão deste tema) e a visão que se observa em grande parte dos livros didáticos de uma África negra e outra branca dividida pelo deserto do Saara, mostrando a força que os meios de comunicação e de produção do conhecimento apresentam.

É claro que não se pode negar a existência dos estereótipos e estigmas raciais que permeiam a nossa sociedade, como destaca Fernandes (2017, p. 19) "da escravidão, no início do período colonial, até os dias que correm, as populações negras e mulatas têm sofrido um genocídio institucionalizado, sistemático, embora silencioso". Nascimento (2017, p. 97), comenta que "as feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do país [...] com lei ou sem lei, a discriminação contra o negro permanece: difusa, mas ativa".

Da África se fala apenas da Sida/Aids generalizada, da extirpação do clitóris das mulheres ainda meninas, da fome endêmica, das guerras, da corrupção, enfim, da "barbárie" dos povos negros. Entretanto, nunca se relaciona algumas dessas "barbáries" com a malvadeza da natureza mesma da colonização e das dificuldades que a invasão cultural provocou por mais de cinco séculos,

impedindo-os dos avanços necessários na educação e, conseqüentemente, para o desenvolvimento global das novas nações (FREIRE, 2011, p. 28).

A questão do preconceito instituído não pode ser negada nas representações postas pelos alunos, pois as interações destes com o meio se constituem, muitas vezes, a partir de concepções estigmatizadas, levando a um olhar depreciativo do continente africano com base na visão apresentada pelos meios de comunicação e outros difusores de informações. Com a fala de Freire (2011) se torna evidente os temas que se ligam à África, ficando em segundo plano uma análise mais profunda das razões que levam a tantas barbáries que permeiam este continente, rico em recursos naturais e principalmente de pessoas.

Como é este o tipo de representação predominante, se torna ainda mais imperioso o trabalho do professor sobre estes espaços. Por isso, é necessário buscar formas de quebrar estes estigmas, demonstrando as relações que perpassam sobre este continente, ao ressaltar todo o contexto espaço-temporal sobre a África, não somente considerando o viés econômico, mas principalmente ampliando o olhar para a multiculturalidade que se constitui e se reconstrói continuamente nestes espaços. Para isto, é importante que os esquemas mentais dos alunos sejam constantemente desafiados para que estes sujeitos refaçam o percurso de construção do conhecimento, possibilitando uma outra conotação em relação à África.

A Ásia e a Oceania: Cingapura e Nova Zelândia

Parte dos alunos conseguiram visualizar que o país da Ásia era Cingapura, mas isso se deu pela relação que estes possuem com aquele Território, tendo em vista que uma professora da escola viajou para lá por razões familiares, levando para suas aulas fotografias e outras histórias sobre essa parte do continente asiático.

Esse fato acabou contribuindo, em grande medida, para que a indicação das informações disponíveis fosse por Cingapura (como se pode comprovar a partir das conversas que houve com os próprios sujeitos da pesquisa).

“Teria um trabalho razoável (um pouco trabalhoso se for falar em indústria)”; “me parece as pessoas meio antipáticas” (D1); “os trens estão sempre cheios, então por isso vou sempre de táxi para o trabalho, as ruas estão sempre bem movimentadas também, pois aqui é um país que vem muitos turistas” (D2); “a língua mais usada no cotidiano é o inglês por causa do turismo, mas as outras línguas são mais usadas no

campo (meio rural)"; "a economia é bem distribuída, é difícil ver pessoas passando fome, mas já vi um ou dois moradores de rua" (D3).

"Me acostumar seria complicado, principalmente com a comida, por conta dos diferentes temperos e ingredientes" (D4); "por ser um país tropical, o calor me faria aproveitar as paisagens aquáticas"; "fazem peças de computador, telefone, smartphone" (D1); "o meio rural é mais populoso, principalmente nas plantações"; "tem uma religião e leis fortes que são obedecidas, não podem ser quebradas se não recebem multas altíssimas" (D3); "é mais rural do que urbana, o meio urbano tem árvores, motos e o rural tem prédios, casas, etc. (D2)"

"Na zona urbana não tem quase ninguém porque a maior parte onde estão as pessoas é na zona rural que tem tecnologias"; "as pessoas têm alguns costumes diferentes como: comer insetos como escorpiões, baratas entre outros" (D1); "tem muita tecnologia, tendo muitos habitantes e uma cultura bastante diferente" (D2); "a maioria dos naturais tem o olho puxado porque a China não foi colonizada"; "na área rural da China eles economizam bastante porque não usam máquinas e sim pessoas, pelo excesso de pessoas"; "na China em áreas rurais eles são grandes produtores de: arroz, soja, trigo, cevada e algodão, entre outros"; "a China é um país muito sujo porque tem muitas empresas que poluem o ar" (D4).

As interações com a professora, a partir das experiências que compartilhou em sala de aula, contribuíram para as reflexões apresentadas na escrita. Por exemplo, quando eles afirmaram que existem leis rígidas e foram questionados como sabiam sobre isso, eles responderam que a professora havia falado para eles que a filha dela desejava engravidar, mas tinha que pagar para o governo para que isso fosse possível, sendo que a mesma deveria respeitar essa regra para poder continuar morando no país.

Outro fator que se destaca é a questão de o meio rural ser a residência da maioria dos asiáticos, uma visão que se origina principalmente por parte das fotografias que eles já tiveram acesso sobre a agricultura deste continente. Essas imagens são geralmente da cultura do arroz que aparece em filmes e no próprio livro didático, como afirmado pelos alunos.

Quando se compara a questão do trabalho entre Ásia e Europa, por exemplo, se observa que o primeiro é sinônimo de exploração e baixa remuneração, enquanto o segundo é representado por plenos empregos. Surge, também, de modo recorrente, a questão da alimentação de comidas exóticas, como insetos e outros animais, além de serem países sujos, com cidades poluídas, como se somente houvesse poluição em Territórios não europeus.

Já em relação à Nova Zelândia, os alunos escreveram:

"Percebi que as pessoas são bem educadas e vivem em paz entre si"; "é um país populoso e minha qualidade de vida é bem boa"; "o ensino da escola é muito bom também" (E1); "tem bastante carros e prédios, as estradas são asfaltadas"; "meu dia a dia seria tomar café da manhã junto à minha família, minha casa seria aquelas que aparecem em filmes americanos" (E2); "o desenvolvimento econômico desse país é

baseado no crescimento do comércio e das pequenas empresas manufatureiras” (E3); “o meu país onde eu moro é a Nova Zelândia [...] é claro que iria para o trabalho por meio de transporte público, como um ônibus, já que lá o IDH é bastante alto então minha vida seria relativamente boa” (E4).

“No tempo livre iria assistir jogos de hóquei”; “acredito que teria problemas no casamento, pois morando lá iria focar totalmente no trabalho, pois quem mora nesses países bem desenvolvidos sempre buscam a melhor qualidade de vida” (E1); “no meu tempo livre iria viajar bastante” (E4); “o modo de vida na Austrália é bom!”; “na Austrália existem muitos edifícios históricos”; “o desenvolvimento na Austrália é alta pois lá deve ter muitos prédios” (E3); “na Austrália tem a abundância de água”; “aqui tem criação de gado, agricultura comercial de produtos tropicais, agricultura comercial de cereais e criação de gado leiteiro” (E2).

“Hoje pela tardezinha estávamos andando pela beira da praia e olhando pelo chão, avistamos uma aranha estranha, grande, que nunca tínhamos visto antes” (E1); “aqui tem muitos animais peculiares” (E2); “moro num país que tem bastante animais, e é um lugar bem turístico, as praias são muito bonitas”; “as praias tem água fria, aqui é um lugar que tem bastante surfistas”; “mas aqui é um dos lugares mais perigosos por conta dos inúmeros animais que habitam, por exemplo, as aranhas que podem aparecer do nada na sua casa, ou no seu banheiro e as cobras também aparecem bastante” (E3); “as pessoas aqui se vestem com pouca roupa porque é calor, na praia usamos biquíni” (E4).

Conclusões

Nas escritas dos alunos pode-se perceber uma aproximação entre a Nova Zelândia com a Europa, mais do que com os outros Lugares do mundo. Isto pode ser constatado, pois a maioria dos alunos veem na televisão um local paradisíaco, com uma população de pele clara, com praias por onde passam turistas, população local e inúmeros intercambistas (muitos ao serem questionados desejam realizar intercâmbio na Austrália ou Nova Zelândia).

O que se aproxima da Ásia e a África é a questão dos animais exóticos, que surge mais de uma vez. Um aluno colocou que é um ambiente com bastante disponibilidade de água, ao ser questionado sobre este ponto, comentou que tinha visto na televisão um documentário interessante sobre o maior coral (se referindo à barreira de coral da Austrália) do mundo.

Outro ponto que surge é a questão que pessoas da Europa e da Oceania, em seu tempo livre, desejam viajar pelo seu próprio Território e para os países vizinhos, algo que não ocorre na América, na África e na Ásia (ao serem questionados a razão de porquê disso, foi relatado que lá havia segurança e eles poderiam fazer isto).

Ao pensar sobre todos estes pensamentos dos alunos, é pertinente uma fala de Freire (1980, p. 25) na qual salienta que “uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo.

Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-lo". Essa capacidade relatada por Freire (1980) é o que permite que reflitamos sobre Lugares que "não o meu", somos capazes de projetar questões abstratas e torná-las realidade, passamos a dar sentido a uma gama de generalizações que produzimos na tratativa de compreender algo.

Quando Freire (1980) fala em distanciar-se do objeto para admirá-lo, ele nos remete ao que Piaget chamou de descentração, que é essa capacidade de pensar o Lugar com o intuito de lhe dar significado. Essa admiração tanto para Freire como para Piaget é tomada em um sentido filosófico de se postar frente ao mundo a fim de pensá-lo e não somente no sentido de admiração enquanto uma posição de mera contemplação. Nesse sentido, a prática da escrita sobre Lugares é um meio de se colocar de forma crítica frente à realidade.

Quando o aluno escreve e posteriormente apresenta suas ideias ao grande grupo, o diálogo flui em um sentido que possibilita perceber os pensamentos de cada um sobre o Espaço Geográfico, fazendo com que os mesmos tomem consciência sobre as distâncias e aproximações que suas projeções apresentam em relação a cada Lugar indicado.

No momento em que escrevem e pensam estes locais, os sujeitos estão se valendo de um conjunto de esquemas. Depois, quando apresentam ao grande grupo, estes alunos necessitam empregar outros esquemas, constituindo dois tempos distintos de desequilíbrios que levam a uma reorganização interna. Ambos são tempos importantes para o desenvolvimento do adolescente, bem como para a aprendizagem da Geografia enquanto componente curricular, pois são ocasiões de ação que por fim resultam em construções.

É interessante, também, proporcionar um segundo momento para que os alunos dialoguem entre si sobre suas produções, pois os mesmos passam a perceber um panorama maior sobre os espaços, além de compreenderem melhor como correlacionar as informações disponíveis para "pintarem as Paisagens" globais. Não se esquecendo que assim se promove um contexto de trocas, o que sempre é salutar para a construção do conhecimento.

Estes momentos dentro do coletivo são também um período para que o professor possa emitir algumas provocações sobre o que foi apresentado pelo grande grupo, sempre com a ideia de promover novos desequilíbrios que resultem na construção de esquemas, os quais permitem uma melhor leitura dos acontecimentos na superfície terrestre.

Ao realizar este segundo momento após a leitura apurada das produções dos seus alunos, o docente acaba tendo espaço para o desenvolvimento de variados questionamentos sobre as generalizações espaciais que se formam. Isto com o objetivo de fazer com que as mesmas sejam desfeitas pela reorganização interna dos sujeitos que, ao serem apresentados a uma série de inquietações, podem entrar em um novo momento de ações que resultam em novas construções.

Algo que pode ser incorporado a essa prática pedagógica de escrita de cartas é a construção de desenhos (representações) sobre os Lugares, além de descrevê-los e imaginá-los. O docente pode, por exemplo, pedir que junto ao corpo textual seja trazida uma representação do espaço urbano e outra do meio rural destes locais, ou de algum ponto turístico do mesmo. Com isso, além de exercitar a criatividade e a imaginação, obtém-se um material adicional e rico para a análise do próprio professor sobre a construção do conhecimento do aluno, bem como, constituir uma nova ação a ser realizada pela criança ou adolescente, trabalhando em diferentes planos do pensamento o que enriquece o desenvolvimento destes sujeitos.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COSTELLA, Roselane Zordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. 2008. 202f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FERNANDES, Florestan. Prefácio à edição brasileira. In: NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 17-21.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. de Silva Letra. São Paulo: Editorial Estampa, 1973.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Prefácio: A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 25-30.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. Kátia de Mello e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

KAERCHER, Nestor André. Já é outubro! Te amo ainda mais! Eu desejo que você deseje me ouvir! In: PEREIRA, Marcelo Garrido (Org.). **La opacidade del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013, p. 77-92.

KING, Stephen. **Sobre a escrita: a arte em memórias**. Trad. Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MACEDO, Lino de. **Ensaios construtivistas**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NIDELCOFF, María Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. Trad. Marina Celidônio. 21. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese (livre docência) – Universidade Estadual Paulista Campus de Rio Claro, São Paulo, 1978.

PIAGET, Jean. **Problemas de psicologia genética**. Trad. Celia E. A. Di Piero. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1973.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Epistemologia genética**. Trad. Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Trad. Octavio Mendes Cajado. 7. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2013.

SANTOS, Leonardo Pinto dos. **A construção das relações do espaço ausente na geografia escolar**. 2015. 196f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Leonardo Pinto dos. **A Geografia escolar e o Espaço Mentalmente Projetado: um olhar piagetiano**. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; COSTELLA, Roselane Zordan. Cartas para que te quero: uma experiência de leitura do Espaço Geográfico na Geografia Escolar. **Revista FSA**, Teresina, v.15, n.1, p. 187-202, jan./fev. 2018. Disponível em: <<http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1500/1410>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

Recebido em 14 de agosto de 2019.

Aceito para publicação em 05 de janeiro de 2020.